

02

CONTROLE DOS CORPOS, GESTÃO DOS AFETOS E DISTOPIA: LÓGICAS DE PODER EM 1984 E WHITE BEAR

Marise Lourenço (UFF)
Pascoal Farinaccio (UFF)

Recebido em 16 jan 2019. **Marise Lourenço** é Licenciada em Letras: Português-Literaturas (UFRJ) e Mestranda em Estudos de Literatura (UFF), bolsista CNPq.

Pascoal Farinaccio Possui graduação em Letras / Português pela Universidade de São Paulo (1996), Mestrado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (1999), Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2004) e Pós-Doutorado pela Università di Bologna / Itália (2016). Atualmente é professor associado de literatura brasileira no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando nos cursos de graduação e pós-graduação.

RESUMO: A partir da reflexão sobre a distopia enquanto gênero, nos parece caro refletir sobre os elementos narrativos que a constituem, bem como sobre as táticas textuais que lhe são pertencentes. Entendendo a distopia como um texto que se produz a partir de estratégias que nos fazem pensar sobre a nossa realidade social (MOYLAN, 2000) pretendemos voltar nossas observações para analisar como se constituem as seguintes obras:

1984, de George Orwell, e o episódio *White Bear*, da série *Black Mirror*. Assumindo que as distopias analisadas possuem, em sua constituição, um trabalho que reflete sobre as lógicas de poder utilizadas nas sociedades que espelham, o presente trabalho busca compreender como as dinâmicas de poder e suas lógicas são trabalhadas no gênero, bem como suas alocações apontam para uma reflexão do âmbito social tanto na sociedade de Orwell, quanto na apresentada pela série. Nesse sentido, buscamos observar como esses pontos sinalizam apontamentos para elementos presentes em nosso cenário social, que são utilizados nas obras tanto em caráter de espelhamento quanto de denúncia.

Palavras-chave: Distopia; Controle; Poder; Afetos; Crítica.

ABSTRACT: From the reflection about dystopia as a genre, it seems important to reflect on the narrative elements that constitute it, as well as on the textual tactics that belong to it. Understanding dystopia as a text produced from strategies that make us think about our social reality (MOYLAN, 2000) we intend to turn our observations to analyze how the following works are constituted: George Orwell's *1984*, and the episode *White Bear*, from the TV show *Black Mirror*. Assuming that the analyzed dystopias have, in their constitution, a work that reflects on the logic of power used in the mirroring societies, the present work seeks to understand how the dynamics of power and its logic are worked in the genre, as well as their allocations point to a reflection of the social realm both in Orwell's society and in the one presented by the series. In this sense, we seek to observe how these points signal notes to elements present in our social scenario, which are used in works both in mirroring and denunciation character.

Keywords: Dystopia; Control; Power; Affections; Criticism.

1. INTRODUÇÃO

Distopias trabalham, muitas vezes, com um espelhamento exacerbado da sociedade a fim de que as dinâmicas ocorridas em seu espaço se tornem perceptíveis a nós. Assim, geralmente utilizam essas projeções para que reflitamos sobre os caminhos de nossa realidade social (MOYLAN, 2000), fazendo com que nos debrucemos de forma crítica para as ações em andamento nela.

Para compreendermos a distopia, por sua vez, precisamos que esse caráter presente em sua constituição seja acionado em nós de alguma forma, já que é a partir da absorção do que está em andamento na narrativa que a distopia trabalha a percepção em nós, pelo fenômeno da empatia (VARSAM, 2003, p.205). É nesse quesito que a utilização do exagero como ferramenta se torna um dos pontos que constituem a distopia enquanto gênero, e nos fazem refletir sobre como essa utilização é efetuada nessas obras do ponto de vista formal.

Esses apontamentos tornam-se perceptíveis a partir do recorte que pretendemos utilizar; *1984*, de George Orwell, utiliza da abordagem de uma sociedade totalitária que, na tentativa de criar a utopia de uma sociedade pensada por um grupo, acaba por colocar uma população inteira diante de uma atmosfera de terror. Esse aspecto faz com que, de certa forma, o caráter distópico seja facilmente acessado ao lermos a obra. Além disso, a abordagem que se faz acerca do livro como uma espécie de crítica aos modelos de governo de países considerados totalitários, como o da antiga URSS, também se torna plausível pela alocação efetuada pela obra a partir da narrativa que se faz da sociedade e de suas dinâmicas.

Isso nos faz levantar dois pontos: para além da atmosfera distópica construída a partir de inúmeros artifícios narrativos que pretendemos analisar posteriormente, também percebemos uma denúncia bastante direta a um determinado tipo de constituição de sociedade. É nesse sentido que pretendemos avaliar a construção desse aspecto dentro da obra de Orwell, considerando que *Black Mirror* também possui esse elemento, ainda que esse conteúdo não apareça de forma tão explícita. No episódio da série que pretendemos analisar, observamos o acionamento do conteúdo distópico por intermédio de alguns artifícios que iremos considerar a partir de nosso recorte como pertencentes ao gênero, mas também notamos a alocação do espelhamento de uma sociedade específica, marcada por dinâmicas que denotam fluidez, liberdade e forte presença da tecnologia, o que de certa forma aproxima o episódio de nossa sociedade atual.

Entre outros pontos que se destacam na constituição das obras distópicas que pretendemos analisar estão o poder e os afetos. Tanto a obra de George Orwell quanto a série *Black Mirror* parecem elucidar as dinâmicas que utilizam em sua constituição. 1984 trabalha com a denúncia a uma sociedade totalitária, que se marca pela utilização do cerceamento, do terror e do medo como formas de produzir a gestão das pessoas. A série, por sua vez, efetua tal procedimento por meio de diversas dinâmicas em seus episódios, ainda que grande parte deles tencione o papel das tecnologias em sua abordagem e, por isso, optamos por escolher o episódio *White Bear*, já que nele podemos vislumbrar a alocação de elementos que se distanciam e se aproximam dos utilizados por Orwell na construção do ambiente distópico.

A análise da produção do ambiente de terror se torna importante em um primeiro momento de análise, sobretudo se pensarmos que essa característica converte-se em um elemento constitutivo das distopias de um modo geral, ainda que cada uma trabalhe com tais concepções de formas distintas. Estabelecer esses recortes se faz importante para a análise que pretendemos empreender, sobretudo se pensarmos nos pontos em comum que existem em *1984* e *White Bear*.

Nesse sentido, o presente trabalho tem o intuito de analisar o livro considerando questões pertinentes na obra para a compreensão da relação política entre mídia, tecnologia e individualidade, para que possamos estabelecer algumas relações com a série *Black Mirror*. Para tal, pretendemos efetuar um diagnóstico geral sobre as obras a fim de levantar os procedimentos que elas utilizam para produzir a atmosfera distópica. Adiantamos que nas observações iniciais, destacam-se o poder, a partir da observação do Estado totalitário, e o afeto, em sua utilização a partir das emoções dos personagens, de suas relações afetivas e etc, como pontos que merecem destaque e atenção nesta análise, entendendo sua importância na produção da percepção da distopia e de seu caráter crítico se pensarmos em uma abordagem mais social para a interpretação desses textos.

2. A ATMOSFERA DE TERROR EM 1984: VIGILÂNCIA TOTAL

O livro *1984*, considerado pelo envoltório comum e apresentado em sites de busca como um romance distópico, traz em sua narrativa uma espécie de ficção política, na qual, a partir da leitura, adentramos em um universo que tem como diegese o

totalitarismo. Sua trama gera diversas tentativas de interpretação, visto que apesar de se tratar de uma ficção, sua narrativa dirige nosso olhar aos regimes totalitários vigentes na época. Por conseguinte, é comum encontrarmos análises que direcionam sua percepção para uma aproximação com os regimes fascistas ou até mesmo como uma analogia pessimista do socialismo que vigorava na antiga União Soviética, apontamento trazido inclusive em sua contracapa da edição da Companhia das Letras.

Podemos considerá-lo como um clássico, sobretudo quando pensamos em sua popularidade e retorno recorrente aos estudos sobre distopia, o que nos leva a investigar alguns de seus aspectos formais e temáticos para a percepção sobre o gênero. Nesse sentido, como elementos constituintes da obra, destacam-se a construção de uma atmosfera de terror, a aplicação de um projeto de sociedade e as dinâmicas de manutenção da mesma, onde se alocam o uso de estratégias de manipulação da informação, uso da violência, espaço insular, entre outros pontos.

Através do diário do personagem principal do livro, Winston Smith, adentramos no ano de 1984 e no país fictício chamado Oceânia, no qual, todas as pessoas devem obedecer e amar o “Grande Irmão”, líder representado por uma figura sempre presente nas “teletelas” e que, no entanto, nunca foi vista por ninguém. Tal elemento funciona como vigia da vida de cada indivíduo de Oceânia, cuidando para o bom andamento do sistema. Todos os cantos do país são vigiados, a uniformização ocorre com os membros do partido, todos são acordados no mesmo horário todos os dias e devem fazer exercícios físicos; a sexualidade é reprimida, e qualquer tipo de pensamento diferente ou nocivo ao andamento do país

deve ser punido. Assim se vive nesse país, e é nessa atmosfera que o personagem de Winston habita, tendo apenas seu diário como escapatória desse regime tão rígido e opressor.

Esse é um dos primeiros pontos que nos fazem recortar a atmosfera presente no livro e construída a partir da narrativa: Orwell nos aloca diante de um ambiente que produz o insulamento a todo o momento, em descrições que corroboram a leitura e absorção desse espaço de vigilância, de limitação das liberdades individuais, promovendo uma ideia de sufocamento com as imagens que utiliza; as teletelas instauram esse ambiente de vigilância e medo, e a figura do Grande Irmão, sempre à espreita, “de modo que os olhos o acompanhem sempre que você se move” (ORWELL, 2009, p.12), acentuando ainda mais esse ambiente de observação constante que limita o corpo dentro dos espaços daquela cidade.

A construção temática também se pauta em mais dois pontos que se tornam pertinentes para observarmos a constituição da distopia enquanto gênero: as descrições da sociedade e suas dinâmicas de poder e o controle do povo a partir da informação.

A população é dividida em três classes representadas pelo núcleo do partido, pelo partido externo e pelos proletas, e como componente do partido externo, a função de Winston dentro da sociedade é trabalhar no Departamento de Documentação do Ministério da Verdade, no qual ele é encarregado de manipular os registros, alterando números, nomes, acontecimentos, a fim de fazer com que cada fato novo ou mudança seja encarado como algo que sempre esteve presente nos registros históricos, para garantir a boa imagem do partido. Embora exerça essa função

diariamente e aparentemente viva como qualquer outro membro da sociedade, Winston tem um comportamento diferente de seus fanáticos companheiros que vibram a cada notícia “nova” sobre o aumento da fração de chocolate ou sobre a prisão do inimigo, ora representado pela Eurásia, ora representado pela Lestásia e, ao longo do livro, começa a perceber o quão bárbaro é o sistema em que está incluído. Desse modo, é a partir da narrativa de Winston que nos damos conta da distopia e passamos a questionar, junto com o personagem, - as ações realizadas no país, as guerras, as manipulações da história, o excesso de vigilância e a padronização dos indivíduos. É nesse sentido que a alocação desse protagonista e a inclusão de sua narrativa por meio da escrita em seu diário, nos parece pontuar um papel importante desse elemento como acionador da percepção da distopia por parte do interlocutor. Isso decorre do fato de que esses apontamentos feitos pela sinalização de como o narrador percebe suas experiências naquele ambiente, nos aproxima de certa forma do que está sendo desenhado ali (VARSAM, 2003, p.205).

A obra evolui trazendo em sua narrativa outros aspectos que nos parecem pertinentes, como o trabalho com a manipulação da verdade. Além da manipulação das notícias, o regime de Oceânia tenta reformular e definir quais palavras devem ser utilizadas para que nenhuma delas cause ambiguidade de sentidos, bem como na utilização de lemas como “GUERRA É PAZ. LIBERDADE É ESCRAVIDÃO. IGNORÂNCIA É FORÇA.” (ORWELL, 2019, p.14). No livro, as palavras precisam assumir o sentido que o núcleo do partido quer que elas assumam, e como notamos ao longo da leitura, o discurso tem uma função muito específica para a

manipulação da sociedade, seja nos discursos no “Grande Irmão”, ou na alteração de notícias e fatos históricos – função realizada por Winston –, ou na tentativa de criar um novo vocabulário. A palavra tem grande poder sobre as pessoas, e o livro nos traz esta questão de forma muito marcada, ao nos apresentar como a modificação de sentidos pode ser eficaz para a manipulação das pessoas. Nessa utilização, a narrativa nos coloca em choque com a verdade, que passa a ser algo maleável, algo que pode ser fabricado. No caso de Oceânia, a manipulação por meio do discurso midiático se faz presente por meio das propagandas do partido, que têm a finalidade de transmitir a seus membros o bom andamento do país, o que nos leva, em certo sentido, a refletir sobre o papel da informação em nossa sociedade, mostrando a atualidade no texto de Orwell.

Ao longo da narrativa, Winston começa a enxergar nos proletas, que representam uma classe à parte, ao menos em relação aos membros do partido e dos domínios intensos do “Grande Irmão”, como uma espécie de salvação para tal regime. O fato de ele notar as manipulações feitas pelo partido faz com que ele seja uma espécie de “criminoso do pensamento”, e tal ocorrência, somada ao seu envolvimento com Julia, uma funcionária do setor de ficção, faz com que ele, ainda que às escondidas, fuja das imposições do sistema que condena as emoções e a sexualidade.

Em seus encontros com Julia, cada vez mais frequentes, Winston reflete sobre as artimanhas utilizadas pelo partido para manipular as pessoas, e começa a observar ainda mais o modo de vida dos proletas, que apesar de estarem à mercê da própria sorte, aparentam ser os únicos que possuem certa liberdade em Oceânia.

Julia também lhe mostra a abundância de suprimentos que os membros do núcleo do partido possuem - algo que não ocorre na mesma proporção para os membros do partido externo -, e isso faz com que Winston fique ainda mais intrigado com tais diferenças que acontecem no país onde a tentativa de se igualar as pessoas é incessante. Tais questionamentos feitos pelo protagonista são importantes para a compreensão do modo como a manipulação é realizada em Oceânia, fazendo com que voltemos nosso olhar para tais artifícios, presentes também em nossa sociedade atual, ponto que concerne pertinência e atualidade à obra. Esses elementos também nos acentuam as disparidades presentes na sociedade narrada por Orwell, fato que nos aproxima da história e nos faz assimilar a sociedade descrita como uma sociedade distópica.

Quando Winston e Julia são pegos pelo regime, são submetidos a uma reeducação para voltarem a se adequar ao sistema. Tais cenas de tortura são angustiantes e nos mostram o quanto o domínio sobre o outro só é possível com o controle absoluto do corpo e da mente, e nos remete aos diversos depoimentos sobre a ditadura militar brasileira, com a utilização de choques e de interrogatórios a fim de garantir que tais pessoas não voltassem a atrapalhar o funcionamento daquele aparelho. Nesse sentido, o livro trabalha fortemente com a lógica da violência como forma de poder, utilizando desse artifício para transformar os indivíduos, para que eles não se queixem mais do sistema, como pontuado por Arendt (2013), e, ao final da narrativa, Winston e Julia são reinseridos no sistema, acreditando – depois de toda tortura a qual foram submetidos – que todos os seus questionamentos de antes eram infundados, e que o partido só queria protegê-los,

após a utilização da tática de colocá-los em dúvida em relação às suas experiências para transformar as “mentiras” do partido em verdades bem sucedidas.

Esses aspectos temáticos que produzem no livro a atmosfera de terror e medo, seja através da manipulação da verdade ou da utilização da vigilância extrema como forma de produzir o isolamento, nos fazem atentar para um ponto que se aloca como pano de fundo da obra: o poder. Nessa abordagem, como já acentuamos, percebemos uma tentativa de incluir esses artifícios que produzem o ambiente distópico no controle do corpo e das ações dos indivíduos. Esse ponto, inclusive, é acentuado na utilização da tortura como arma, o que nos gera inúmeras interpretações para uma análise que se volta à observação das dinâmicas utilizadas por Orwell em sua obra.

Como delimitamos ao longo de nossas ponderações, *1984* é um livro bastante atual que ainda nos suscita diversos pontos em comum com nossas sociedades, sobretudo se pensarmos sobre a questão da informação. Também avançamos na interpretação de que as expressões que a obra produz nos levam diretamente a análises que se propõem a efetuar uma leitura da utilização do biopoder, que se ocupa da manutenção dos corpos a fim de gerar as conformidades do sistema em vigor.

Byung-Chul Han traz um recorte sobre a obra de George Orwell em seu livro *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, onde dedica um capítulo para falar sobre “O amável Grande Irmão”. Sua abordagem é bastante interessante, pois o filósofo intenta aplicar a construção das lógicas de poder utilizadas na

narrativa em contraponto com as análises que ele efetua acerca do nosso momento atual. Esse recorte será utilizado quando abordarmos o episódio da série *Black Mirror*, mas adiantamos esse apontamento de Han para focar nessa análise sobre a biopolítica como tática de poder utilizada em 1984.

Nesse sentido, destacam-se as contribuições de dois teóricos para as observações que pretendemos fazer: Hannah Arendt e Michel Foucault. Ambos encaminham leituras sobre a questão do corpo, vislumbradas nos regimes que tem como tática o controle corporal para gerar a coesão e, dessa forma, recuperar os autores significa uma tentativa de compreender como a gestão do corpo pode influenciar na biopolítica utilizada como forma de poder sobre os indivíduos, sobretudo na recuperação foucaultiana do tema.

Seja a partir da vigilância ou na utilização da tortura, o domínio gerado pelo Grande Irmão se pauta nesse controle corporal ao construir esse local panóptico ao redor na sociedade que rege, limitando os espaços em que o corpo dos indivíduos pode circular, já que existe um corpo maior – o da cidade, que os acompanham por todos os espaços e possui o poder máximo por sua magnitude vigilante e opressora. Assim, a sociedade construída em 1984 se utiliza de um poder disciplinar que intenta promover uma gestão corporal dos sujeitos.

3. O PODER EM *BLACK MIRROR*: O EXCESSO

A série *Black Mirror* se apresenta como distópica em seu próprio canal de divulgação: o serviço de *streaming Netflix*. Sua natureza, apesar de ficcional, chama a atenção na maioria de seus episódios por trazer temáticas que de alguma forma se aproximam

de nosso universo real, como os aspectos relacionados à tecnologia, por exemplo. Diversos temas são abordados, e a série, ainda que alocue a construção da distopia nos avanços tecnológicos em grande parte dos seus episódios, também aponta outras questões como pensamentos sobre as dinâmicas humanas e dos relacionamentos sociais, às vezes se utilizando da tecnologia como forma de potencializar sua abordagem.

Em nossa análise, como já comentado, pretendemos utilizar o episódio *White Bear*. Ele tem como enredo a perseguição a uma mulher que acorda sentada na cadeira do cômodo de uma casa. Ela inicialmente se mostra bastante confusa e aflita por não saber se localizar espacial e temporalmente, já que não possui memória e consequentemente não se recorda sobre sua vida. Ao tentar situar-se sobre o ambiente ao redor, ela observa pelas janelas da casa que está sendo vigiada por pessoas que seguram seus celulares em direção a ela, que, sem entender, começa a pedir ajuda a seus observadores sem obter nenhuma resposta. Ela começa a caminhar a esmo e, ao longo do episódio, se constrói uma atmosfera de horror em torno de sua fuga que se assemelha a uma caçada. Sua perseguição se torna ainda mais intrigante e estranha por conter centenas de pessoas que acompanham essa jornada munidas de seus celulares, filmando o tempo todo, o que deixa a nós e a protagonista confusos. Esse desconforto vai crescendo: pessoas mascaradas estão em seu percalço equipadas com armas de diferentes tipos: de uma espingarda a uma espécie de serra elétrica, dando a entender que querem capturá-la para alguma espécie de tortura.

No decorrer dessa fuga, ela consegue uma companheira que parece ajudá-la a fugir desse destino, mas ao final do episódio

descobrimos que essa personagem tinha apenas o papel de guiá-la a um local onde toda a encenação e seus motivos são revelados: aquele terror psicológico se trata da punição que essa mulher recebe por ter participado de um crime. Nos é revelado pelo apresentador que a protagonista participou, junto com seu antigo noivo, do sequestro, tortura e assassinato de uma criança. Essa criança aparece em uma fotografia no início do episódio, e a mulher, por não se lembrar de nada, chega a cogitar que se trata de sua filha. Esse trabalho com a falta de memória que gera dúvidas tanto na protagonista quanto em nós, telespectadores, se acentua na utilização de *flashbacks*, onde vemos a imagem dessa menina que parece atormentar a personagem.

Após se revelar como um programa de punição, o apresentador levanta a plateia com suas falas, incitando, inclusive, que as pessoas presentes profiram xingamentos à mulher. Em seu martírio, ela é colocada em um carro transparente que se assemelha a um “papamóvel” onde, com mais vaias e xingamentos, ela retorna para a casa onde acordou no início do episódio e descobrimos que sua memória é apagada para que ela passe por esse “ritual” diariamente, em uma espécie de punição eterna.

A produção televisiva intensifica seus efeitos sob o telespectador ao explorar os artifícios audiovisuais e, na mudança com o jogo de câmeras, muda seu foco para nos mostrar os bastidores da produção por trás de sua punição diária, que ocorre em um parque chamado “White Bear”, onde as pessoas vão para participar dessa encenação. O nome do parque, que também dá nome ao episódio, é uma espécie de indicação do crime, e apela inclusive para nossa aproximação afetiva com o

caso: o ursinho branco foi encontrado como indício do crime, e pertencia à criança desaparecida.

Por essa breve descrição do episódio atentamos para alguns artifícios utilizados na construção narrativa do episódio: ele trabalha com um direcionamento para a questão moral, com uma ambientação de horror e com elementos que nos sensibilizam. Para além dessas questões, o episódio parece brincar com o excesso de exposição na utilização da transparência e do celular, que acabam adquirindo também uma alocação discursiva bastante alegórica: são as imagens que representam o nosso excesso de liberdade, por assim dizer, já que todos possuímos esses artefatos ao alcance das mãos e de forma aparentemente indiscriminada nos dias atuais. Apesar disso, ali, se tornam a arma de punição, aquilo que cerca a personagem e produz seu insulamento, mostrando a ambiguidade presente no discurso da “liberdade” e da “democratização” do acesso à informação, às mídias e etc.

Essa estratégia nos parece bastante perspicaz por brincar justamente com essa aproximação imagética do telespectador com aquelas figuras em utilização na tela: poderíamos ser nós os participantes daquele espetáculo, os julgadores oficiais dos crimes alheios, já que agora todos somos os vigilantes do outro e de nós mesmos, principalmente pelo jogo dual do uso das novas tecnologias.

Essas alegorias nos apontam para as colocações de Han sobre as dinâmicas de poder que o neoliberalismo executa. Ao efetuarmos o recorte de leitura a partir de seu livro, destaca-se o ponto de sua defesa para uma nova tática de poder no

neoliberalismo: a psicopolítica. Segundo o filósofo, a psicopolítica se ocupa de outros artifícios para gerir os indivíduos e produzir lógicas de poder, bem como a inclusão voluntária do sujeito dos espaços das mídias sociais, que são uma espécie de contrato no qual nos dispomos por livre e espontânea vontade a sermos monitorados a todo momento. Ele destaca também a ocupação com as emoções como um dos pontos de controle das ações dos indivíduos, já que nessa nova forma de poder nossos afetos, desejos e emoções são usados como forma de controlar nossas ações, fato que se corrobora ao pensarmos em como o mercado se apropria de nossas inclinações por meio de algoritmos para atingir nossas “necessidades” de compra.

Tal tática se diferencia da biopolítica (e aqui também pretende-se diferenciá-la de 1984) por utilizar de outras táticas de poder. Enquanto 1984, em sua alegoria a uma lógica de biopoder, se utiliza da atmosfera panóptica de vigilância total para colocar em prática suas dinâmicas de poder, *Black Mirror* se utiliza da transparência e do discurso da liberdade abundante para (re)produzir seu controle, tendo em vista que agora “cada um é um panóptico de si mesmo” (HAN, 2018, p.58).

Parece, nesse sentido, que o episódio da série utiliza dessas construções imagéticas para fornecer um cenário que remonta nosso momento contemporâneo, a fim de promover um olhar mais atento sobre as dinâmicas ao redor dele, como o excesso imagético, o excesso da tecnologia e como esses elementos modificam nossas interações nessa conjuntura.

4. GESTÃO DAS EMOÇÕES: A FUNÇÃO DO AFETO NAS PRÁTICAS DE PODER

Entre as reflexões suscitadas a partir das duas obras, pudemos nos debruçar nas técnicas de poder utilizadas em ambas. Com pontos de encontro e de distância, voltamos nosso olhar agora para uma questão que persegue não só as narrativas literárias, - tanto 1984 quanto o episódio de *Black Mirror* - mas também as análises que nos trazem os teóricos utilizados: os afetos.

Os afetos também trazem uma ordem que nos faz refletir sobre as dinâmicas de poder das sociedades, por possuírem uma lógica que se enquadra em sua utilização para produzir adesão social e reproduzir normas, como nos aponta Safatle (2015). Nesse sentido, se torna potente sua alocação discursiva nas táticas de poder, tendo em vista que os afetos passam a ser utilizados como formas de gerir os indivíduos.

É pertinente que as narrativas escolhidas aqui utilizem desse artifício, sobretudo ao refletirmos sobre a utilização dos afetos do ponto de vista da fruição literária. Nesse caso, a percepção, a aproximação e a empatia se tornam também um modo de fazer com que a distopia produza seus efeitos, como já pontuado anteriormente em nossa leitura de Varsam (2003). É a partir dessa alocação dos afetos que circulam na obra, do amor, do medo, da insegurança, da esperança, que nos damos conta das dinâmicas em execução naquele espaço fictício, naquele espaço como espelhamento de nossa realidade, espaço em que os circuitos desses afetos nos fornecem interpretações sobre as dinâmicas em execução.

Vislumbramos que ambas as obras trabalham com uma espécie de gestão dos afetos como forma de gerar seus efeitos distópicos. Sobre essa temática, Maria Varsam aponta o potencial dessas narrativas de uma educação pela percepção, na qual, a partir daquilo que ela denomina como “defamiliarization” se atinge o leitor. Por conta disso, existe uma importância primordial na alocação do protagonista nas narrativas distópicas, já que é por intermédio dele que geralmente esse texto se constrói, e no decorrer de sua saga que compreendemos a distopia, como ela nos aponta em seu texto “Concrete Dystopia”: “for this to occur in the reading of dystopias, the reader will have to have understood the warning issued and, as a result, benefitted from the intended ‘education’ of perception” (VARSAM, 2003, p.213).

Esse ponto se torna claro, como já abordamos, na utilização do diário de Winston em 1984 e em nossa absorção daquela atmosfera a partir de suas experiências no sistema. Esse aspecto também é desenvolvido no episódio de *Black Mirror*, já que ele tenciona as práticas em uso ao iniciar sua narrativa com uma caçada a priori sem fundamento, que se justifica em certo sentido após a revelação do crime, mas se coloca de forma completamente exacerbada, e até mesmo desproporcional, posteriormente ao nos sinalizar que o suplício dessa personagem é eterno e tem uma função de espetáculo.

Também é interessante salientar, como já observamos, que a atualidade do texto de Orwell nos faz atentar para alguns aspectos da sociedade em que estamos inseridos. Se em Oceânia são várias as formas de manipulação, seja através das imagens e notícias forjadas, seja através da linguagem, ou da repressão através da

vigilância, isso nos faz refletir acerca dos meios que são utilizados para atingir tal finalidade em nossa sociedade atual, e isso faz com que voltemos um olhar mais atento sobre a mídia e a tecnologia, gerando certa aproximação entre nós e o texto. Esse ponto parece-nos importante de ser salientado devido à atualidade de 1984, ao pontuar questões que são relevantes e de certa forma semelhantes a algumas características do papel da mídia, ponto inclusive levantado por Arendt (2013) ao postular suas observações sobre o papel da propaganda como uma arma utilizada na ascensão do movimento totalitário.

Avançando em nossas observações, se fizermos uma comparação entre os episódios narrados por Winston e alguns aspectos de nossa vida atual, iremos perceber que muitos elementos nos aproximam do mundo fictício de George Orwell. São várias as formas de supressão da individualidade, e, no caso da uniformização dos indivíduos, da punição e da vigilância, podemos relacioná-los com nossas instituições sociais, que como aponta Foucault (2002), são responsáveis por normalizar os indivíduos, suprimindo suas individualidades e os formando para servirem ao Estado, já que tal tática

é uma forma de poder que se exerce sobre os indivíduos em forma de vigilância individual e contínua, em forma de controle de punição e recompensa e em forma de correção, isto é, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas. (FOUCAULT, 2002, p.103)

No caso da punição exercida aos habitantes que de certa forma atrapalham a ordem e o andamento do país, podemos perceber as análises que Foucault faz sobre as instituições punitivas em seu

livro *A verdade e as formas jurídicas*, pois elas têm a função de polir os indivíduos, a fim de fazer com que retornem à sociedade como cidadãos de bem, que auxiliam no bom funcionamento do sistema. Outra relação que podemos estabelecer, além das analogias com os sistemas totalitários, é com as ditaduras que ocorreram em alguns países, como no Brasil, por exemplo, já que essas características não se mostram presentes apenas nos Estados totalitários.

O diálogo entre Hanna Arendt se torna bastante claro ao considerarmos a abordagem acerca da utilização das punições corporais como métodos de normatização, tendo em vista que isso ocorre na obra de Orwell. Por conta disso, sua leitura nos acentua o poder que uma sociedade punitivista pode exercer sobre os corpos, na tentativa de mantê-los em rigor, dentro da norma, se enquadrando naquilo que já acentuamos neste artigo como biopoder. É interessante que na leitura de Arendt os afetos são considerados mais difíceis de cooptar, servindo como uma espécie de forma de resistência, ainda que eles formem de modo bastante intenso os indivíduos. Essa análise nos parece curiosa por alguns motivos: a alocação da relação entre Winston e Julia parece servir como uma espécie de válvula de escape para o uso do terror quase pleno na narrativa de Orwell (isso sem efetuarmos um recorte sobre os proletas, é claro). Como forças concentradas nos sujeitos, os afetos parecem dinamizar certa força individual, uma resposta eficaz às tentativas sociopolíticas de gestão dos indivíduos, ainda que na prática esses afetos também sejam utilizados como fonte de manipulação pelo Estado.

Seguimos, então, para uma análise mais aprofundada desses afetos, partindo do princípio de que eles também merecem uma

abordagem sociopolítica, tendo em vista que são formados a partir desse contexto. Pressupomos, assim, que os afetos também fornecem descrições sobre nossa sociedade, se modificam e são modificados a partir das dinâmicas que percorrem o bojo de todas as relações entre os indivíduos, seja de qual ordem for.

É nesse sentido que tencionamos uma abordagem sobre os afetos ao pensarmos nas duas obras, como já salientamos. Em 1984 eles têm uma utilização dupla: uma atmosfera de afetos negativos que são usados para gerar a atmosfera de medo e gerir os indivíduos em contraponto a uma atmosfera de sentimentos positivos utilizados para produzir um perfil de resistência. Parece-nos, nessa leitura, que os afetos são divididos em polos, e que apesar disso, no fim eles têm funções sociopolíticas semelhantes que acentuam sua potência, tendo em vista que possuem utilizações múltiplas e que fornecem certo dualismo em suas características.

Já em *Black Mirror*, observamos como todos esses polos se mesclam e formam uma ordem de afetos de natureza semelhante, a despeito de suas distinções, sejam esses afetos a priori positivos ou negativos. Parece-nos, nesse sentido, um caminho inverso, e explicamos o motivo dessas considerações; no meio utilizado pela série, considerando sua alocação em um cenário contemporâneo de fluidez tanto nas relações quanto nas lógicas políticas, é presumível que tais temáticas se misturem dessa forma. O próprio capitalismo parece utilizar desses sentimentos que enquadramos como positivos para efetuar suas práticas e cristalizar suas lógicas. Os afetos que antes produziam esse perfil de resistência, agora também são armas utilizadas para reproduzir as normas e naturalizá-las entre

os indivíduos. Na obra de Orwell nos parece que a relação entre Winston e Julia cria uma “saída”, pois a relação de ambos suscita o questionamento, a crença naquela afinidade como potência para que juntos eles consigam resistir de alguma forma, nem que seja apenas “se permitindo” sentir, se relacionar, ainda que às escondidas e sem enfrentar de fato o sistema. No episódio da série, por sua vez, o sentimento de repulsa pela personagem principal, o sentimento exacerbado de ódio, no direcionamento apaixonado pela vingança, ocorre como forma de naturalizar essa revolta direcionada, como justificativa para as ações cometidas contra ela como forma punitiva; o sentimento de repulsa precisa ser ouvido e atendido até às últimas consequências, sem muitos questionamentos sobre as prerrogativas legais (e eventualmente morais) para o tipo de punição acometida à personagem.

Parece-nos, inclusive, que essa nova forma de gestão dos indivíduos é ainda mais brutal, apesar de sua inserção aparentemente branda. *Black Mirror* se mostra uma série que produz uma narrativa muito sagaz nesse sentido, já que se aproveita da utilização (geralmente) da tecnologia, que é uma temática em constante circulação por conta de sua alocação na vida contemporânea, para camuflar inúmeras problemáticas sociais que se atrelam a ela, tendo margem para uma abordagem dos afetos nessa discussão, pois agora os aparatos tecnológicos funcionam como ponte entre nossos desejos e o consumo, questões morais, nossas relações e interações sociais, entre outras coisas.

5. AFETOS POLÍTICOS, CONTROLE E A DISTOPIA

É importante pensar nas concepções que nos traz Safatle (2015) sobre os afetos que regem de forma precisa os seres humanos: o medo e a esperança. Sob essa perspectiva, precisa-se que o medo seja um discurso em constante circulação para que se efetue a coesão social. Ele aborda, nesse sentido, a partir de uma perspectiva hobbesiana, que esse discurso do medo é bombeiro e pirotécnico ao mesmo tempo, visto que ele precisa produzir o fogo (insegurança), para que possa ser também a pessoa capaz de conter essa chama (segurança). Tal aspecto se torna perceptível ao analisarmos as táticas de poder utilizadas pelo “Big Brother” na narrativa de Orwell: as constantes guerras fictícias entre Eurásia e Lestásia. Cria-se um inimigo fictício que somente o Estado pode combater e, assim, o discurso do medo gera a coesão social: indivíduos com medo que dependem de uma figura soberana que lhes forneça segurança. O medo é um elemento decisivo no interior da vida política, como nos aponta Safatle, e nos parece que a utilização que Orwell faz desse elemento é bastante perspicaz para nos fazer compreender os jogos políticos em ocorrência naquele espaço ficcional que reflete sobre um contexto mais amplo de aproximação com o espaço social.

No que diz respeito ao medo, entendemos que ele parece agir como uma espécie de sentimento regulador, que pode, em alguns pontos, retirar a ação política do sujeito, como postula Safatle (2015); a esperança também, na medida em que ficamos sob a tutela de possível melhora, na expectativa de que algo aconteça somos também expectadores de derrotas e fracassos, já que

somos paralisados pelo medo e pela esperança. O autor salienta esses pontos em seu debate com Maria Rita Kehl em um dos episódios do Café Literário, ao ser questionado sobre uma possível ação gerada pelos afetos. Entretanto, é categórico em sua defesa, na recuperação sobre esses afetos em sua relação com o tempo, refletindo sobre a expectativa e sua ação em nós.

O foco de nossas observações recai sobre a utilização da narrativa do medo enquanto afeto que rege as narrativas distópicas analisadas. Em 1984, a ideia do medo se propaga na construção daquela sociedade como uma espécie de prisão que se utiliza de métodos punitivos como a tortura para manter os indivíduos em regularidade ao sistema. *Black Mirror*, por sua vez, trabalha com a ideia de uniformidade na liberdade. Ainda que exista a abundância, ela não significa que os sujeitos estão livres dentro daquele espaço, mas que eles estão presos por outros tipos de vínculos, vínculos que eles podem até ver como positivos, o que acarreta numa espécie de prisão por conta própria, onde todos são fiscais de si mesmos, todos são sua própria prisão.

O filósofo Byung-Chul Han insiste nessa defesa ao dizer que os indivíduos no neoliberalismo são o seu próprio panóptico. Esses aspectos, ainda que pareçam a priori distanciar as duas narrativas, acabam por nos levar a um elemento em comum: o trabalho com a ideia de excesso, seja de vigilância ou liberdade, já que agora essas ideias apresentam uma espécie de dualismo.

O que torna pertinente abordarmos outro ponto relacionado aos afetos e ao poder que se encontra nas análises que Vladimir Safatle nos traz: o poder se utiliza dos afetos e é dessa forma que ele

nos melancoliza (SAFATLE, 2016, p.12). E, nesse estado, perdemos toda a nossa força de ação e somos submetidos a esse lugar de conformidade. Mas esses afetos, assim como na abordagem utilizada por Orwell, também podem nos fornecer a força de ação necessária se soubermos compreender as dinâmicas que eles empreendem. Talvez seja esse um dos pontos em ação em *1984* e *Black Mirror*, e que acaba por se refletir em nós: parece que essas táticas de poder e gestão dos indivíduos por meio dos artifícios que a narrativa distópica nos evidencia se aloca na tentativa de uma percepção mais apurada sobre nosso espaço social, e tais aspectos concedem um caráter notório às obras.

Observamos, em nossa leitura, alguns elementos que constituem as obras como distópicas, tendo em vista o modo como se estruturam e as táticas que empregam na construção de seu texto. Acentuamos, nesta análise, que os afetos são pontos utilizados para garantir esses efeitos, já que eles parecem se valer dessas lógicas utilizadas para uma aproximação com o real que trabalha com os desejos humanos e suas imbricações com as dinâmicas em ação nas atmosferas construídas pelas narrativas.

1984 já se estabeleceu como uma distopia clássica e parece ser recuperado sempre que as dinâmicas de poder pontuadas em seu mundo fictício se tornam aparentes de forma assustadora em nosso mundo real. No que diz respeito às distopias contemporâneas, percebemos que

the recent dystopias are strongly, and more self-reflexively, “critical” does not suggest the appearance of an entirely new generic form but rather a significant retrieval and refunctioning

of the most progressive possibilities inherent in dystopian narrative (MOYLAN, 2000, p.188),

e que, por conseguinte, os textos distópicos estão sempre se atualizando a partir desses elementos constitutivos do gênero. Dessa maneira, nos parece coerente que *White Bear*, entendido aqui como um texto distópico, atualize as temáticas do gênero nos trazendo questões que avançam em nosso cenário público, sobretudo se pensarmos nas táticas de poder de nosso sistema político vigente e nas denúncias que a série parece efetuar.

Não queremos investigar se essas narrativas potencializam um espírito de ação em si, apenas que elas jogam com tais questões, na medida em que efetua essa ênfase no real como produção de um discurso mais crítico. Ainda que não tenhamos o propósito de efetuar uma leitura mais eficaz sobre como a distopia age em nós, nos parece pertinente levantar que essas potências se mesclam e podem ser tanto observadas como formas normalizadoras tanto como formas de um perfil mais resistente em nós.

Parece-nos, nesse sentido, que enquanto diversas formas de poder e controle estiverem sendo utilizadas para o manejo dos sujeitos, esses textos serão sempre atuais e potentes para a nossa reflexão.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hanna (2013). *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FOUCAULT, Michel (2002). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau-Editora.
- HAN, Byung-Chul (2018). *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Âyiné.

KEHL, Maria Rita; SAFATLE, Vladimir (2018). “Afeto, psicanálise e política”. *TV Cultura*. In https://tvcultura.com.br/videos/65789_afeto-psicanalise-e-politica-maria-rita-kehl-e-vladimir-safatle.html. Acesso em 09.Set.2019.

MOYLAN, Tom (2000). *Scraps of the untainted sky: science fiction, utopia, dystopia*. Boulder, Colo: Westview Press.

ORWELL, George (2009). *1984*. São Paulo: Companhia das Letras.

SAFATLE, Vladimir (2015). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify.

_____. (2016). *Quando as ruas queimam: manifesto pela emergência*. São Paulo: N-1 Edições.

VARSAM, Maria (2003). “Concrete Dystopia: Slavery and Its Others”. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (Orgs.). *Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination*. New York and London: Routledge. p.203-224.